A Decadência do Aviamento num Povoado da Amazônia: Notas Preliminares [1]

ADÉLIA ENGRÁCIA DE OLIVEIRA

INTRODUÇÃO

Sabemos que são variadas as notas existentes sobre as relações entre aviadores e aviados, mormente aquelas que se referem ao período áureo da borracha, no início deste século, descrito, entre outros, por escritores como Ferreira Castro (1937) e Euclides da Cunha (1946), mostrando um tempo onde os seringalistas, que eram comerciantes-proprietários, possuiam a proteção de "leis" incorporadas a um "Regulamento dos Seringais", "que eram uma espécie de acordo sistematizado entre os proprietários dos seringais quanto às suas relações com seus seringueiros-devedores" e "que garantiam ao comerciante o pagamento dos adiantamentos que fazia aos seus seringueiros" (Wagley 1957, p. 139). Embora esses regulamentos não fossem decretos governamentais, "os proprietários dos seringais faziam grande pressão sobre o governo para que os ajudasse a fazê-los cumprir como se fossem lei". (Wagley 1957, p. 140).

Alguns anos mais tarde, na década de 40, Charles Wagley realizou uma pesquisa no Baixo Amazonas e entre as conclusões de seu trabalho ele mostra que o "sistema comercial na Amazônia já não é mantido pelos velhos "Regulamentos dos Seringais", nem

---

1 Trabalho apresentado ao III Encontro do Grupo "Agricultura na Amazônia" (Projeto de Intercâmbio de Pesquisa Social em Agricultura, F. G. Vargas, em Rio Branco (Acre) — setembro de 1979. Agradecemos ao professor Roberto Santos, da Universidade Federal do Pará, por sugestões dadas.

pela polícia e seus rifles 44, como durante a primeira década de nosso século. Todavia, as obrigações do seringueiro para com o comerciante e do comerciante para com a firma exportadora e importadora ainda constituem, essencialmente, a base das relações que canalizam as transações comerciais e sociais da região. A força desse sistema tradicional é um elemento importante que se terá de combater caso se queiram modificar as condições econômicas e sociais do Vale". (Wagley 1957: 139).

Tal como Wagley, Miyasaki & Ono (1958) entendem que o *aviamento* era um elemento básico na compreensão econômica e social da Amazônia e chegam mesmo a dizer que não é exagero falar-se "que não existe nenhuma produção no Amazonas que não tenha alguma relação com o sistema de aviamento" (Miyasaki & Ono, 1958: 369).

Baseado, principalmente, em Wagley e Miyasaki & Ono, Roberto Santos, em 1968, define o "aviamento como a principal relação de produção do setor primário paraense" (p. 10), ressaltando que os "primeiros autores a usarem o conceito de relação de produção para definir o aviamento amazônico foram Miyasaki & Ono" (p. 10-11). Já em 1977, Santos elabora um pouco mais o trabalho publicado em 1968 e afirma que, embora as visões de Wagley e Miyasaki & Ono "se mostrem parcialmente defasadas em relação à realidade total de nossos dias quando a Região, já iniciado o último quartel do século, tem experimentado mudanças notáveis —, elas se afiguram úteis para a representação sintética da atualidade da porção tradicionalista do setor rural". (p. 157 e 158).

Em 1972, quando, durante os meses de outubro e novembro, estivemos no povoado de São João, localizado no Médio Rio Negro, a jusante de Sta. Isabel (Tapuruquara), cerca de duas horas a motor, coletamos alguns dados preliminares, mas que indicam que, àquela época, os caboclos já queriam ter liberdade de vender os produtos coletados ou o excedente de farinha ao comprador que melhor lhes pagasse e sem se terem aviado com nenhum patrão, ou seja, sem terem recebido mercadorias a crédito. Era, assim, digamos hipoteticamente, como se estivesse havendo uma decadência do processo de aviar, não parecendo constituir mais, como Wagley e Miyasaki & Ono puderam observar tempos atrás, um elementos básico na compreensão da realidade econômica e social daquela área. E apesar de ele nos parecer decadente, a fome continuava a existir, a edu-

cação escolar era precaríssima, as saúvas destruíam roças inteiras e a saúde continuava sem assistência médico-hospitalar, o que parece nos mostrar que o possível enfraquecimento de uma instituição consolidada, como diz Santos (1977: 154), "a partir do contrato da sociedade amazônica com um sistema altamente monetarizado, qual o capitalismo industrial europeu" não será suficiente para modificar as condições bio-econômicas e sociais, nem locais, nem regionais, uma vez que elas dependem de contingências mais amplas do capitalismo nacional e mesmo internacional.

Apesar do pouco tempo que estivemos em campo, achamos que deveríamos divulgar as presentes notas [2] por causa da carência de dados tanto acerca do aviamento quanto sobre a região focalizada.

São João era povoado por caboclos e índios descidos do Alto Rio Negro, porém aculturados ao modo de viver regional. Sua subsistência baseava-se nas roças de mandioca e outros produtos, pequena criação de porcos e galinhas e o que a pesca oferecia. As atividades extrativistas constituíam suplementos na economia local.

Abordaremos a atividade econômica em São João, dando maior ênfase ao aviamento na esfera extrativista, embora focalizemos esse processo também na área agrícola.

A Atividade Econômica e o Aviamento

A economia de São João é sobretudo de atendimento a necessidades de subsistência interna, embora haja um pequeno *surplus* comerciável: a farinha de mandioca. Além disso, parte de seus moradores estão engajados em atividades extrativistas, o que os fez perder a auto-suficiência e passar a depender do comércio e aliciamento de seus membros para a extração de produtos vegetais naturais.

O ciclo econômico, nessa região, está na dependência não apenas das épocas de chuva (abril a setembro) ou de estio (meses restantes), conhecidas por "inverno" e "verão", respectivamente, mas, também, da cotação do preço dos produtos na bolsa ou no mercado internacional, o que faz variar, principalmente, a procura dos mesmos. Através de emissoras de Manaus, ouvidas em radinhos de pilha,

---

[2] Estas notas constituem, com algumas modificações, trechos de nosso trabalho intitulado "São João — Povoado do Rio Negro" (1975).

nossos informantes tomavam conhecimento dos preços das mercadorias em ofertas e buscadas pelos regatões que comerciam pelo rio Negro e adjacências.

Além da atividade de subsistência básica dessa área, que é a derrubada, queimada, coivara e plantio da roça, os habitantes de São João dedicam-se à coleta ou extração de sorva, ucuquirana, seringa, maçaranduba, rosada (variedades de goma), cipó titica, castanha, piaçaba e puxiri ("fruto cheiroso que serve para remédio"). O trabalho com este último é incerto, sendo o mesmo coletado quando os informantes estão ocupados com outro produto. Segundo eles, "ninguém tira aviação só para o puxiri". Muito raramente trabalham na extração de madeira.

Atividade Agrícola

A base da subsistência dos habitantes de São João e cercanias é a agricultura de derrubada e queima da mata, para o plantio quase exclusivo de mandioca. Plantas como a macaxeira, o milho, o cará, a batata-doce, a cana-de-açúcar, o urucu, o cubiu e a pimenta são cultivadas em pequena escala. Notamos que em uma das roças havia muitos cajueiros e pés de abacaxi ou ananás. Aliás, estes últimos servem de cerca para separar roças diversas. Outros frutos, como banana e pupunha, são também, mas raramente, cultivados.

A saúva infesta essa área e é um dos maiores problemas a enfrentar. Vimos plantações de mandioca estarem sendo totalmente destruídas e como eles não têm condições econômicas de combater essa praga, a solução era abrir outra roça, embora de antemão, eles já soubessem que dentro em breve essa, também, estaria sendo atingida pelas formigas. Há pouco tempo atrás, o terreiro que circunda as moradias era repleto de árvores frutíferas que foram, em grande parte, arrasadas pela saúva, conforme já foi dito anteriormente. Pés de açaí, tucumã, patauá e umari são encontrados em forma nativa, isto é, não cultivada.

A atividade agrícola é a "roça". Escolhe-se um terreno, derruba-se a mata que em seguida é queimada, partica-se a coivara, cava-se, planta-se e replanta-se.

Durante a pesquisa de campo, em outubro e novembro de 1972, quatro famílias estavam a derrubar mata para abrir uma roça em

redondo. Dão, simultaneamente, cortes em diversas árvores, de forma que, ao derrubar uma, esta esbarra nas outras e caem várias ao mesmo tempo. O recrutamento de trabalhadores é feito por meio de *ajuri,* nome que dão ao mutirão nessa área. No dia marcado, logo cedo, os homens convocados se reunem na casa do dono da roça, onde bebem "Nescau" (chocolate) ou café e comem bolachas ou tapioca. Apesar de o *ajuri* ser feito com rapidez, costumam levar farinha para o *chibé.* Estes lhes "dará forças" durante o trabalho que é realizado com bastante entusiasmo. À noite reúnem-se num rancho de festas, onde o café é servido primeiro aos homens e depois às mulheres. E cachaça "pro gasto". Às vezes, dançam ao som de músicas entoadas por um deles ou por uma eletrola de pilhas. O *ajuri,* geralmente, é composto por cinco ou seis homens aparentados entre si, da própria povoação. Algumas vezes, vêm pessoas de outras povoações vizinhas, convidadas para ajudar.

Enquanto que a derrubada e a coivara são trabalhos essencialmente masculinos e coletivos, a queimada e o plantio são feitos pelo casal, ocasionalmente, ajudado pelos filhos. As viúvas costumam ter suas roças próprias, no que são auxiliadas pelos filhos. O compadrio funcionava nessa povoação como uma instituição de atribuição de direitos e deveres e, no caso em questão, verificamos que uma mulher, residente em outra localidade e comadre de um dos habitantes da povoação, que pedira a este um pedaço de roça porque seu marido nunca derrubava a mata, recebera um pequeno trecho, já devastado, em São João, cabendo a ela o plantio.

A colheita também é realizada pelo casal e filhos.

O tamanho da área, aberta geralmente em redondo, sendo que o círculo formado é irregular, depende das necessidades da família e, por vezes, de um pequeno excedente de mandioca para a fabricação de farinha que deverá ser comerciada com os regatões. Vimos famílias com duas roças, abrindo uma terceira.

O calendário agrícola, em linhas gerais é o seguinte: — no "verão" ou seja, na seca (de outubro a março), abrem as roças, dão início ao plantio ou replantio e colhem nas roças antigas, enquanto que no "inverno", época das chuvas (de abril a setembro), limitam-se à colheita e ao plantio e/ou replantio.

A área cultivada é produtiva durante os primeiros dois ou três anos. Depois desse período os roçados transformam-se em capoeiras, o que leva a um desgaste da mata virgem que fica ao redor do povoado,

aumentando a distância das roças. Este desgaste do solo, somado ao flagelo das saúvas, contribui para tornar ainda mais dura a vida econômica dos habitantes de São João.

Para se chegar às roças, parte-se de um caminho cujo início é o fundo de cada residência. Depois de um certo ponto, esses diversos caminhos, que convergem para um só, encontram-se e, a partir daí, tem-se uma estrada única. As roças são abertas uma ao lado das outras. Somente uma família tinha seu caminho particular.

O roçado mais distante possuía uma cabana de duas águas, construída de paus e coberta com palha, sem paredes. Servia de abrigo para o sol ou chuva e era onde seus donos trabalhavam com mandioca, no preparo da farinha. Por causa da distância, preferiam carregar a farinha já pronta, em paneiros, para o povoado, ao invés das raízes.

A mandioca é o principal cultivo. É processada para a obtenção de tucupi, farinha, massa puba, polvilho e tapioca.

A farinha é o alimento básico e é encontrada em todas as refeições. Dela fazem o *chibé* (água fresca adicionada à farinha, em cuias ou latas) e o *mingau*, que é coziddo.

Um pequeno excedente de farinha é vendido a comerciantes de Tapuruquiara, ou trocado com os regatões por mercadorias de que necessitem. Chegam a entregar quinze paneiros por mês, mas a média atual é de cinco, podendo essa entrega ser o resultado de um aviamento anterior ou não. Muitos trabalham sem patrões, vendendo a farinha a quem pagar melhor. Alguns, porém, são aviados. Os que são livres, quase sempre tiram parte do que entregam em "coisas que precisam" e o restante em dinheiro. Um paneiro pesa cerca de 30 quilos e o melhor preço que por ele conseguiam, em 1972, era Cr$ 25,00.

Como a fabricação da farinha é uma atividade que exige a presença feminina, os homens viúvos, com ou sem filhas pequenas, necessitam comprá-la, o que fazem, em geral, pela prestação de serviços aos moradores da povoação. Ou, então, obtêm-na pela venda de produtos extrativistas.

Atividade extrativista

Através da tabela 1 podemos ter uma visão comparativa das características essenciais da atividade extrativista vegetal dos ha-

bitantes de São João, atividade essa que é basicamente masculina. Observamos que, excluída a seringa (borracha), os demais produtos são preferencial ou exclusivamente coletados no "inverno" porque, segundo os informantes, localizando-se eles próximos a igarapés, na época das cheias, podem utilizá-los como meio de acesso e de transporte para algumas das variedades de goma, as "piraíbas" de piaçaba, os "pacotes" de cipó e as castanhas. A borracha (seringa), por sua forma de extração, por meio de cortes de linhas paralelas, em diagonal (tipo bandeira) ou de cortes convergentes para um sulco central (tipo espinha de peixe),[3] sendo o látex recolhido em latas ou cabaças, exige que essa atividade seja feita no período de seca, de outubro a janeiro, preferencialmente, uma vez que, em fevereiro, "não dá mais para trabalhar porque com a chuva alaga tudo e a seringueira é uma árvore de várzea".

A tabela indica, também, que as características tecnológicas desse tipo de atividade são bastante precárias e, digamos mesmo, cansativas, esgotantes e pouco produtivas, uma vez que, com exceção da seringa, as demais variedades da goma têm que ter seus troncos abatidos para que o produto seja obtido. Isso torna a atividade dispersiva, pois, sendo um produto natural, em pouco tempo exaure-se uma área. Também o cipó e a piaçaba são obtidos de forma rudimentar, cortando-se o vegetal com o uso de facas, facões ou terçados. Quanto à coleta de castanha, apesar dos castanhais serem encontrados de modo gregário, o que facilita sua exploração, não é uma atividade muito comum, porque a sua safra coincide com a da sorva e da ucuquirana que, em 1972, eram os produtos mais procurados naquela região. Além do mais, a queda dos ouriços, dada a sua altura, oferece perigo aos coletores.

[3] Sobre esses processos veja-se Galvão (1959:19) e Reis (1953).

TABELA 1

Quadro comparativo do local de coleta ou extração, época, modo de coletar e maneira de preparar os produtos vegetais extraídos

PRODUTOS	LOCAL	ÉPOCA	MODO DE COLETAR	MANEIRA DE PREPARAR
SORVA (*Couma utilis*, fam. Apocinácea)	próximo aos igarapés	"inverno" (abril a setembro)	derrubada da árvore. O "leite" é aparado numa lata ou cabaça	ferver o "leite", coalhando-o e depois colocá-lo num paneiro forrado com palha de sororoca.
UCUQUIRANA (*Ecclinusa batata*, fam. Sapotácea)	próximo aos igarapés	"verão" e "inverno" (principalmente o último)	mesmo processo da sorva	cozinhar o leite "coletado" e depois talhá-lo para tirar a água. A seguir o produto é colocado numa caixa de papel forrada com palha de sororoca e posto n'água para endurecer.
ROSADA (*Micropholis Rosadinha-brava e Micropholis cyrtobotria*)	próximo aos igarapés	"verão" e "inverno"	mesmo processo da sorva	mesmo processo da Ucuquirana

MAÇARANDUBA (*Manilkara huberi*, fam. Sapotácea)	próximo aos igarapés	"verão" e "inverno"	mesmo processo da sorva	mesmo processo da Ucuquirana
SERINGA (*Hevea brasiliensis*, fam Euforbiácea)	várzeas e ilhas	outubro a janeiro ("verão")	corte na árvore com facas especiais. Corte tipo "bandeira" e "espinha de peixe". Usam, de preferência, latas para coletar o látex.	o látex é defumado para coagulação numa "fornalha" (*)
CIPÓ TITICA (*Heteropsis spruceana, fam. Arácea*)	mata, próximo aos igarapés	"verão" e "inverno" (prineipalmente o último)	cortar o cipó	descascá-lo, colocá-lo a secar no sol e depois arrumá-lo em "pacotes".
PIAÇABA (*Leopoldinia piassaba*, fam. Palmácea)	mata, próximo aos igarapés	"verão" e "inverno" (principalmente o último)	limpar os fios com batidas de pau e depois cortá-los.	pentear os fios com as mãos e depois amarrá-los em "piraíbas"
CASTANHA (*Bertholletia excelsa*, fam. Lecitidácea)	mata, terrenos elevados	"inverno", principalmente de maio a julho	quebrar o ouriço	

(*) — A "fornalha" é um forno subterrâneo, alimentado por cavacos de madeira com um "suspiro" por onde sai a fumaça. (Cf. Galvão, 1959: 19).

A maneira de coletar e preparar esses produtos vegetais que, em muitos casos, serão utilizados como matéria-prima, poderá ser vista, também, na tabela 1.

Em 1972, a sorva e a ucuquirana eram os produtos mais procurados, o inverso ocorrendo com o cipó. E, de acordo com os informantes, pede-se a ucuquirana "pura, sem mistura". Uma caixa de papel dá até 80 quilos e era paga à razão de Cr$ 2,00 ou Cr$ 2,50 o quilo, em 1972. Quando a querem misturada, a sorva que dá em caatinga é adicionada à mesma, tornando-se produto de segunda que é comprado por Cr$ 1,80 o quilo. Quando há mais sorva do que ucuquirana, o produto é de terceira. Esta modalidade, porém, os regatões não procuram mais. A borracha (seringa) já defumada era comprada a Cr$ 3,00 ou 3,50 o quilo, enquanto que a líquida (látex) estava dando a Cr$ 400,00 o tambor de (200 l.).[4] A sorva era comprada a Cr$ 1,30 o quilo e a castanha era buscada pagando-se Cr$ 3,00 a caixa (contém 3 latas). A tara variava conforme o patrão, de 10% a 30%, havendo alguns que nem pesavam o produto do freguês, dando-lhe o que bem entendiam. E apesar de saberem o preço, uma vez que escutavam a cotação através de rádios de pilha, os fregueses aceitavam a situação pela falta de oferta de trabalho.

A área de ação dos extrativistas residentes em São João tem-se estendido das cercanias de São Gabriel da Cachoeira (Uaupés) a Carvoeiro, abrangendo, pois, todo o Médio Rio Negro e parte do alto e baixo rio. Mas, o local mais buscado é o rio Padauari e imediações (Médio Rio Negro).

Em geral, o sistema econômico que envolve esse tipo de atividade (extrativista) é, precisamente, o de crédito por aviamento: — o pessoal recrutado como mão-de-obra recebe, como "pagamento" adiantado pelo produto que deve entregar dentro de um determinado prazo, o material necessário não só à sua permanência dentro do mato mas, também, à sobrevivência de seus familiares. Nossos informantes enumeraram as seguintes mercadorias: café, açúcar, querosene, fósforo, tabaco, camisa, calça, munição, linha de nailon e anzol para os que partem numa "empresa". Para os parentes que ficam, eles tiram a crédito: rede, cobertor, sapato, pano, calça, cachaça, camisa, vestido, perfume, óleo para cabelo e "tudo o que precisarem".

---

[4] O látex líquido envolve um processo mais complexo, envolvendo o fornecimento de tambores e anticoagulante à base de amônia e densímetro.

A estrutura, a dinâmica e a decadência do aviamento

Como já mostrou Santos (1977:158), as "condições da geografia regional — sobretudo o difícil acesso ao sertão produtor — levariam a que o sistema do *aviamento* se fosse organizando em forma de cadeia vertical..."

Antes de chegarmos a um esquema dessa cadeia hierarquizada na região focalizada, iremos definir os personagens e a estrutura da mesma, utilizando a terminologia empregada pelos entrevistados:

O *regatão* é o aviador que comercia utilizando uma embarcação. Ele se apresenta em duas modalidades: 1.º) aquele que trabalha por conta própria e 2.º) aquele que está subordinado a um outro regatão maior ou a uma grande casa aviadora de Manaus. Os da segunda categoria, em geral, inflacionam os preços dos produtos entregues como aviamento, porque estão, por sua vez, subordinados aos comerciantes citadinos. De qualquer forma, porém, os regatões poderão ser considerados "os veículos da civilização". Novidades em plástico, esmalte de unha, fazendas, latarias e objetos variados são levados aos habitantes do interior dessa área por esses comerciantes do rio. O regatão, em que se afirme sua figura como "explorador", derivada de sua posição de intermediário de intermediários na cadeia centro urbano-alto rio, atua, por outro lado, como vendedor ou "marreteiro" da cultura urbana.

Na atualidade, os regatões que trabalham para as grandes firmas comerciais de Manaus parecem ter-se "pulverizado" diante de problemas de crédito e baixa cotação dos produtos nativos. Hoje, só o pequeno regatão subsiste precariamente. Firmas como J. G. de Araújo e Higson retraíram em muito as suas atividades na área, alegando prejuízo. Em 1972, eles vinham de lugares os mais diversos, desde o rio Solimões até o rio Padauari que fica no Médio Rio Negro, próximo ao local em estudo.

O *comerciante estabelecido em Santa Isabel* pode, também, ser um aviador que obtém a mercadoria numa casa aviadora.

O *empreiteiro* é um sub-aviador que recebe gêneros do regatão ou da casa comercial de Santa Isabel, não só para si, mas para todos os extratores que com ele trabalharão, ele mesmo sendo também um extrator. Esse sub-aviador alicia membros tanto em sua própria povoação como, ainda, nas localidade vizinhas (Médio Rio Negro). Raramente, vai recrutar mão-de-obra na área dos rios Uaupés e Içana, no Alto Rio Negro. Há ocasiões em que esse empreiteiro não vai à procura da mão-de-obra para recrutar, mas esta vem, espontanaemente, até ele.

O *freguês* é o extrator, a mão-de-obra recrutada para uma empreitada, o cliente de um patrão. São homens, principalmente, jovens que estão à espera de uma oportunidade para melhoria econômica.

O *patrão* é o aviador, podendo, pois, ser o dono da casa aviadora, o regatão, o dono da casa comercial de Santa Isabel e o empreiteiro.

A *empresa* é a exploração extrativista de um determinado produto, realizada pela contratação informal por parte de um regatão ou de um comerciante estabelecido em Santa Isabel a um empreiteiro, para que este avie um certo número de pessoas (fregueses) que trabalharão na extração do produto escolihdo.

Na atualidade, essas "empresas" têm redundado em fracasso, de acordo com os informantes, pelo seguinte: a) os produtos nativos estão rarefeitos, tornando-se difíceis de serem encontrados. Segundo um informante, as pessoas "andam mais do que trabalham"; b) a falta de condução própria, muitas vezes, dificulta o acesso ao produto; c) o preço pago a esse produto, pelo "empreiteiro", é irrisório, principalmente, se comparado com o preço atribuído às mercadorias que entregam aos "aviados". O que está começando a ocorrer, então, é que esse tipo de atividade econômica não está rendendo e os habitantes de São João preferem fazer farinha e, uns poucos, dar aulas a pedido dos padres da Missão Salesiana. A perspectiva de todos, porém, parece ser a de querer abrir uma "roça grande".

Em 1972, portanto, eram poucos os que se dedicavam à extração de produtos nativos, uma vez que as "empresas têm rendido pouco". Conseguimos de apenas um a afirmação de que se achava preso por uma dívida de aviamento a um comerciante de Santa Isabel, havendo essa dívida sido comprada de um regatão. Os outros diziam estar a trabalhar por conta própria, em extração de sorva, ucuquirana e seringa ou na fabricação de farinha, só efetuando o escambo no momento em que entregavam a mercadoria ao regatão. Mas, pelo que pudemos observar, mais uns dois achavam-se presos a dívidas e um deles estava sendo chamado para atuar como "empreiteiro" para um regatão, numa "empresa" de borracha.

Resumidamente, pois, a estrutura do aviamento, nas cercanias de São João, tal qual vista por nós em um período curto de pesquisa, segue um esquema semelhante aos já descritos pelos outros autores que dela trataram. Apresenta dois momentos: no primeiro, uma casa aviadora fornece mercadorias a um regatão ou a uma casa comercial em Santa Isabel que, por sua vez, fornecerá estas mercadorias a crédito a um sub-aviador, que as fornecerá a um extrator, sendo

que este processo é organizado em forma de uma cadeia vertical. O regatão ou a casa comercial poderão, também, entregar a mercadoria a crédito diretamente para o extrator. E, por outro lado, o regatão não estará necessariamente ligado pelo sistema de aviamento a uma casa exportadora. No segundo, o extrator entrega o produto coletado ao sub-aviador, que o entregará ao regatão ou à casa comercial e, através deles, ele chegará à casa aviadora que, ao mesmo tempo, poderá ser uma casa exportadora e, por seu intermédio, escoará o produto para o mercado nacional e intenacional. Também o extrator poderá entregar o produto coletado diretamente à casa comercial ou ao regatão, que o entregará à casa aviadora, a partir de onde ele se escoará para o mercado nacional e internacional.

Esquematicamente, a cadeia de aviamento possui a seguinte forma:
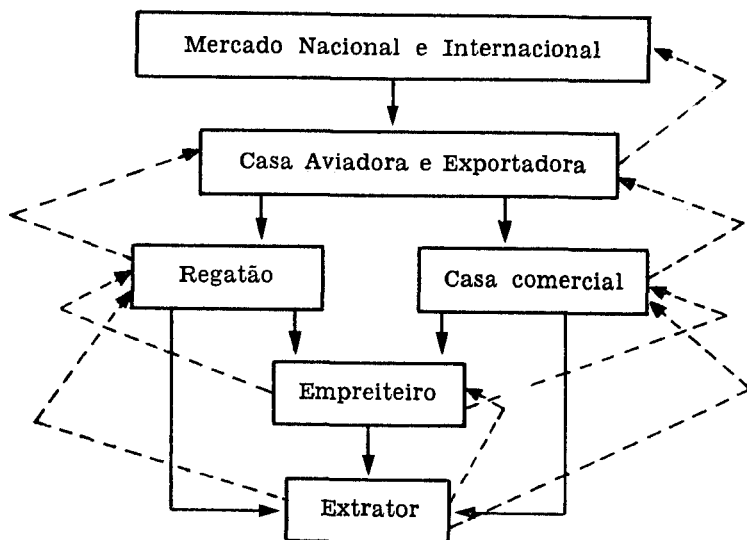
Fig. 1 — A cadeia de aviamento em São João (1972)
——→ = movimento de mercadorias
- - -→ = movimento de produtos coletados

Em linhas gerais, daremos o depoimento de um informante a respeito de aviamento a aviados. Diz ele que trabalhou como "em-

preiteiro" para o indivíduo A, num "fábrico" (trabalho de extração e preparo do produto a ser entregue) de sorva. Antes disso, porém, trabalhava com "patrão", mas nunca tinha nada. Então resolveu abrir uma roça e foi com ela que conseguiu alguma coisa. Com a farinha, ele não tinha "patrão" e vendia-a a quem pagasse melhor, fosse piaçabeiro, sorveiro ou seringueiro. De uma certa feita em que estava sem roça, por causa dos estragos feitos pela saúva, pediram-lhe para servir de "aviado" num "fábrico" de sorva. A mão-de-obra recrutada foi o pessoal de São João e das redondezas e, de acordo com o informante, eram eles que vinham pedir para trabalhar. O fato se deu em 1970. O "patrão" entregava a mercadoria ao nosso informante, o qual, por sua vez, aviava o pessoal. Ao mesmo tempo, ele trabalhou como "freguês". Fez isso, em duas ocasiões e parou por causa de um fracasso devido a doença e falta de rendimento do produto. A despesa foi maior porque alguns tiraram a mercadoria e não quiseram trabalhar, indo embora. Isso ocorreu em ambas as vezes. Foram quatro a se aviar e, dos quatro, só um pagou. Mesmo assim, quem pagou para ele foi um outro "patrão" que comprou a sua dívida. Dessa forma, ele passou a dever a esse indivíduo e não mais ao nosso informante. Ficou a trabalhar para o novo "patrão", até que um comerciante de Santa Isabel comprou a sua dívida. Essa situação perdurava no momento da pesquisa e, diante do sistema de crédito e aviamento ali corrente, ele dificilmente terá condições para saldar o que deve.

Tal depoimento indica que o trabalhador em débito poderá circular como se fosse mercadoria, entre os "patrões".

Das notas de campo de Galvão (1951) transcrevemos um texto que contém observações sobre o esquema clássico de aviamento e o papel das grandes casas comerciais de Manaus:

"A viagem a bordo do Madeirinha decorreu muito boa, embora demorada pelas paradas freqüentes...

J. G. tem fregueses deste Tapeauçuaçu até Santa Isabel. O motor é um verdadeiro motor de regatão, pois, além dos aviamentos a pedido, é grande o movimento de compras na expedição, isto é, pedidos feitos na hora, sobre os quais se cobra uma taxa de 20% sobre os preços da casa em Manaus. O serviço de expedição não é tanto lucrativo como uma maneira de arranjar fregueses ou conservá-los quando não dispõe de grande crédito para aviamentos maiores. O sistema de aviamento obedece aos moldes clássicos da Amazônia: a casa aviadora em Manaus fornece a um patrão gêneros

e material necessário à exploração dos seringais, castanhais ou da piaçaba. A mercadoria é fornecida a crédito, saldando-se o débito com a entrega da produção. O patrão que atua como um pequeno aviador, fornecendo a seus fregueses é, pelo menos em teoria, ressarcido gradualmente com a entrega do *produto*. Um aviamento desse tipo orça entre um mil e dois mil cruzeiros. J. G. possui grande número de pequenos fregueses aos quais avia na *expedição*. Na realidade desapareceram os grandes patrões, substituídos que foram pelo próprio J. G. ou arruinados pela oscilação de preços da borracha ou a irregularidade da safra. Exceto por Airão e Piloto, não observamos um único grande barracão de seringalista. É elevado, porém, o número de barracas que abrigam uma ou duas famílias e compram na expedição do J. G. A alguns deles a Casa dá em concessão um seringal. O freguês fica obrigado a entregar toda a produção à Casa, caso contrário é expulso do seringal. É extremamente difícil o desvio do produto, seja por força das circunstâncias, demora do motor, como observamos em um caso, em que os fregueses justificaram-se alegando que não podiam passar fome à espera do mortor que tardava, ou porque os regatões oferecem algumas vezes preços mais vantajosos. Os regatões não dispõem de capital suficiente para a compra em grande escala. Limitam-se a pequenas partidas. Compram principalmente o sernambi, látex coagulado naturalmente ou sobra da defumação dos *bolões*.

As casas aviadoras atuam como financiadoras e intermediárias. O produto é embarcado, correndo o frete, estiva, impostos de venda e exploração de terras, comissões, etc., por conta do freguês o que onera o produto em mais ou menos 30%, além da quebra entre 10 e 20% resultante da classificação da qualidade do produto.

Os fregueses que possuem seringais têm relativa liberdade de comerciar, mas apegam-se mais a uma casa, ou a ela ficam obrigados por débitos a saldar. Os regatões recolhem apenas as sobras, ou então buscam os paranás e igarapés onde o motor não passa......"

Pelos idos de 50 os dois grandes aviadores eram *Higson* e *J. G.*, em aberta competição pelo já escasso mercado. Nesse meio tempo, Higson abandonou a área para fortalecer sua influência em outras do Amazonas. O viajante do J. G. desarmou duas embarcações e passou a fazer seu comércio sediado na "chatinha" da linha de navegação mantida mensalmente pela então SNAPP.

Quando estivemos na área, em 1972, a situação havia-se alterado, pois, o comércio era feito apenas por regatões e não mais pelas grandes casas comerciais de Manaus.

CONCLUSÃO

Para terminar, gostaríamos apenas de frisar um ponto já indicado, qual seja: o comércio da área, que era feito pelas grandes casas comerciais de Manaus, passou a ser realizado pelos regatões menores. Com isso o sistema de crédito por aviamento parece, em parte, estar perdendo a sua força, pois, os homens e mulheres de São João estão preferindo trabalhar por conta própria, principalmente, na fabricação de farinha. Como já afirmamos, eles dizem que as "empresas" têm rendido pouco. Não possuimos dados para, no momento, dizer quais as causas de uma provável decadência do "sistema de aviamento", tal qual está indicado no presente trabalho, mas achamos que pesquisas precisam ser feitas nesse sentido.

BIBLIOGRAFIA

CUNHA, Euclides da. *À margem da história.* Porto, Lello, 331 p. 1946.

FERREIRA DE CASTRO. *A selva.* 2 ed. Rio de Janeiro, Moura Fontes & Flores [c.1937] 321 p.

GALVAO, Eduardo. *Diário de Campo.* Ms. 1951.

MIYAZAKI, Nobue & ONO, Mório. O aviamento na Amazônia. (Estudo sócio-econômico sobre a produção de juta) *Sociologia,* São Paulo, 20 (3): 366-396, 1958.

OLIVEIRA, Adélia Engrácia de. São João — povoado do rio Negro (1972). *B. Mus. Pa. Emílio Goeldi: nova série. Antropologia,* Belém, 58, 1975.

SANTOS, Roberto. *História econômica da Amazônia (1800-1920).* São Paulo. v. 1. [Tese]. 1977.

————. O eqüilíbrio da firma aviadora e a significação econômico-institucional do aviamento. *Pará Desenvolvimento,* Belém, 3: 7-30, 1968.

WAGLEY, Charles. *Uma comunidade amazônica (um estudo do homem nos trópicos).* São Paulo, Cia. Ed. Nacional, 1957. 401 p. (Brasiliana, 290).